

# Tradução



Entrevista com Michel Foucault

*Tradução de Pedro Labaig<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Tradução de Pedro Labaig

# Tradução



“Eu quero saber do que se trata”

## Entrevista<sup>1</sup> com Michel Foucault

*Tradução de Pedro Labaig<sup>2</sup>*

**Em *O uso dos prazeres*, poderíamos dizer que você afirma pela primeira vez coisas que se encontravam nas entrelinhas de suas obras precedentes?**

Muitas coisas que se encontravam implícitas não podiam ser explicitadas por causa da própria maneira de colocar o problema. Parece-me que tentei situar três tipos de problemas: o da verdade, o do poder e o da conduta individual. Esses três campos, que são os três campos da experiência, apenas podem ser compreendidos uns em relação aos outros e não podem ser compreendidos uns sem os outros. É o que me incomodou nos livros anteriores... Tenho a impressão de que havia uma espécie de fio direto e que não era necessário, para justificar-se, recorrer a esses métodos levemente retóricos pelos quais [abordamos] os três campos fundamentais da experiência.

---

<sup>1</sup> Realizada por André Scala e Gilles Barbedette em 29 de maio de 1984, pouco antes da hospitalização do filósofo, que morre dia 25 de junho do mesmo ano. Aceitar esta última entrevista, apesar do estado de esgotamento em que se encontrava, foi sem dúvida um gesto de amizade dirigido a Gilles Deleuze, próximo de André Scala. Foucault acabara de receber a primeira edição de *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*. Ele não pôde ler a entrevista e delegou a tarefa de recortar e utilizar o texto a seu companheiro Daniel Defert, que publicou alguns trechos nos *Ditos e Escritos* dez anos depois. O trecho aqui publicado foi extraído da gravação completa da entrevista disponibilizada pelo jornal francês *Libération* em junho deste ano e é inédito em português.

<sup>2</sup> Tradução de Pedro Labaig

## Como é possível fazer do estilo uma grande questão filosófica e não uma questão estética?

Acredito, de fato, que a questão do estilo seja absolutamente central em minha experiência: estilo de ação, estilo com relação aos outros... Na Antiguidade, não se cessou de colocar a questão de saber se era possível definir um estilo comum e se, frente à descoberta desse estilo, não seria possível chegar a uma nova definição do próprio sujeito. Tenho a impressão de que a Antiguidade praticamente não descreveu o problema. Começou-se a definir a unidade de uma moral de estilo a partir dos séculos II ou III, sob o império romano – uma moral que definia as conjunturas ou os comportamentos internos do homem. [...] O uso que eu faço do estilo, tomo-o em grande parte de Peter Brown, mas o que vou dizer agora, que não tem relação com o que disse Peter Brown, é reflexão pura e simplesmente minha e, por conseguinte, todas as bobagens que eu possa vir a dizer serão imputáveis a mim e não a Brown (*risos*). Essa noção de estilo me parece muito importante na história da moral antiga; falei mal agora há pouco da moral antiga, vou tentar falar bem, na medida em que há, na moral antiga, certo número de coisas extremamente importantes para se compreender o passado. Primeiro, porque esta moral antiga é uma moral que se dirigia apenas a um pequeno número de indivíduos, não era em absoluto uma moral que se dirigia a todos para obter que todos seguissem o mesmo caminho, mas uma moral que dizia respeito a uma pequena minoria entre as pessoas em geral e até entre os homens, de modo que tal moral dizia respeito a alguns novos homens dentro de uma cidade grega. Em seguida, o que há de interessante quando se segue a história dessa moral é o fato de ela ter sido, pouco a pouco, alimentada de valores que diziam respeito a certo número considerável de pessoas. À época de Sêneca ou de Marco Aurélio, por exemplo, esta moral devia ser eventualmente válida para todos. Enfim, ainda que tal moral fosse válida para todos, nunca se tratou de torna-la uma obrigação para todos, era uma questão de escolha para os indivíduos. Todos podiam compartilhá-la e compreender suas principais noções, mas tudo não passava de escolha pessoal, de modo que é difícil saber o que de fato participava a essa moral sob o Império. Nos primeiros estoicos, encontramos uma concepção da filosofia perfeitamente equilibrada entre uma concepção do conhecimento, uma concepção da política e uma concepção da conduta individual [...], [mas] pouco a pouco, do século III a.C. ao século II d.C., as pessoas pararam de interrogar-se sobre filosofia em geral, abandonaram os questionamentos sobre o poder político e voltaram-se para as questões da moral [...].

## **A escrita parece ser uma prática de si particularmente importante, privilegiada, para os gregos...**

É verdade que a questão da escrita de si foi absolutamente central, muito importante na formação de si. Deixemos de lado Sócrates, já que só o conhecemos por Platão, e tomemos Platão. O mínimo que se pode dizer é que Platão não cultivou muito a prática de si como prática escrita, como prática de memória, como prática de redação de si a partir de suas lembranças. Em contrapartida, ele escreveu consideravelmente sobre certo número de problemas políticos, metafísicos, e esses textos atestam a presença no debate platônico da relação a si [...]. A partir do século I, encontramos muitos textos que parecem obedecer a um modelo de nossa escrita e que fazem da escrita um modo fundamental de relação a si. Há recomendações, escritos, de certo número de autores, sobre conselhos e opiniões que eles davam a seus alunos, e tudo indica que se ensinava aos jovens como se comportar diante de uma lição dada pelos grandes chefes. Depois, e só depois, se lhes ensinava a formular suas perguntas, a dar suas opiniões, a formular tais opiniões em forma de lições e, enfim, a formulá-las de forma didática. Temos bastantes provas disso nos diferentes textos de que dispomos de Sêneca, Epiteto e Marco Aurélio. Portanto, eu não diria que a moral antiga foi uma moral da atenção a si ao longo de toda a sua história, ela tornou-se assim em determinado momento. O cristianismo introduziu nesse momento perversões ou mudanças consideráveis, quando organizou funções penitenciais extremamente vastas que implicavam que se prestasse contas de si e que se contasse si próprio a outro, sem que houvesse escritos. [...] O diário cristão do século XVI era absolutamente distinto do diário cristão que podíamos encontrar nos séculos IV ou V. Ele não respondia à mesma pergunta. Não se tratava de saber as mesmas coisas, e ele não procurava tratar o mesmo tipo de problema.

## **E algo como as *Confissões* de Santo Agostinho?**

Sim. É uma coisa muito estranha. Peter Brown escreveu um livro sobre a questão [...]. É preciso lembrar que Santo Agostinho retomou o cristianismo ocidental tal como este se encontrava no começo do século V, fim do século IV, e que o cristianismo ocidental praticamente não existia nesse momento. Enfim, ele existia à medida que havia cristãos, mas não havia cultura cristã. Será preciso lembrar, finalmente, que Santo Agostinho [...] literalmente construiu o cristianismo tal como ele existiu e tal como ele chegou a instaurar-se na França nos séculos XVI e XVII.

**Em *As palavras e as coisas*, você indagava o era a literatura: “Que é, pois, essa linguagem que nada diz, jamais se cala e se chama ‘literatura’?” Não seria a literatura uma maneira, uma técnica de si?**

Sim, acredito que a escrita desempenhou esse papel durante certo tempo, entre os séculos XV e XVI e depois no século XIX, e que a literatura está perdendo a uma velocidade extraordinária esse papel de consciência de si.

**Então, essas coisas das quais falamos hoje, que poderíamos definir como culturas de si, não têm nada a ver com o que você trata nos seus livros?**

Nada a ver, sim e não. Efetivamente, tomando as coisas em sua formulação filosófica estrita entre a moral da antiguidade romana ou grega e a moral contemporânea, elas não têm nada em comum. Por outro lado, se consideramos as morais no que elas têm de prescritivo, no que elas inclinam, no que elas aconselham, percebemos que são extremamente próximas e que os conselhos da moral antiga são, se não similares, pelo menos relativamente próximos das morais atualmente apreciadas. É precisamente isso que se trata de fazer aparecer: a proximidade, a diferença e, a través desse jogo entre proximidade e diferença, mostrar como os mesmos conselhos dados pela moral antiga podem desempenhar um papel diferente em um estilo de moral contemporâneo.

**Há também a questão da relação de si consigo mesmo, e a composição de si por si, que se faz à ocasião da sexualidade como experiência... Existe nos gregos esse tema do deleite, do delírio amoroso, da perda de si, da relação ao estranho?**

Parece-me que, nos textos da filosofia grega dos séculos III ou II a.C. até o século III d.C., não houve concepção do amor que tenha sido validada por ter representado esta experiência de que você fala, experiência já conhecida, a experiência da grande paixão amorosa.

**Nem mesmo no *Fedro* de Platão?**

Acredito que não. Agora, talvez isso nos distancie do assunto, mas tenho a impressão de que no *Fedro*, temos pelo contrário uma experiência daqueles que, depois de uma experiência amorosa, acabam encontrando o que será o ponto final, isto é, a experiência. Eles negligenciam o que pode parecer ser a prática corrente e constante de sua época para chegar a um tipo de

saberes que lhes permitirá, por um lado, amar-se um ao outro, e, por outro, ter, com relação à lei e às obrigações do cidadão, uma atitude que será conforme ao que é o comportamento dos indivíduos. Não acredito que exista essa experiência. Começamos a vislumbrá-la, por exemplo, em Ovídio. Ali, justamente... Temos a possibilidade, a abertura de uma experiência na qual o indivíduo perde de certa modo completamente a cabeça. Ele não sabe mais quem ele é, ignora sua identidade. Ele vive sua experiência amorosa como perpétuo esquecimento de si. Mas creio [que exista aí uma experiência] do amor que não corresponde absolutamente ao que era a experiência do amor do século IV, a de Platão ou de Aristóteles.

**No que diz respeito aos gregos, quando Heidegger diz que os filósofos não são os que amam o conhecimento, mas os que conhecem o amor... Seria nesse sentido?**

Sim, claro. São os que entendem de amor. Dito isto, não vejo muito bem, na experiência filosófica grega que conhecemos (a do século IV nos discursos de Platão), o que colocaria sua experiência do amor fora de sua experiência do saber.

**Poderíamos dizer que a releitura dos gregos é sempre o sintoma de uma rachadura no pensamento? Não seria a vontade de voltar às origens?**

Na minha opinião, nesse movimento de releitura dos gregos, que se deu regularmente, há sempre uma espécie de nostalgia, a tentativa de recuperação de uma forma original de pensamento, e uma tentativa de conceituar o domínio grego à parte de todos os fenômenos cristãos. Tal tentativa tomou diferentes formas. Em primeiro lugar, no século XVI, ela tomou a forma de uma tentativa de recuperar, a través do cristianismo, e conservando o cristianismo, uma forma de filosofia que teria sido de certa maneira grego-cristã. Ela tomou a forma de uma tentativa de recuperação dos próprios gregos fora do cristianismo com Hegel, e depois também com Nietzsche. Parece-me que, agora, a tentativa de repensar os gregos não consiste de modo algum em querer fazer valer a moral grega como domínio da moral por excelência, do qual precisamos para pensar, mas trata-se de fazer com que o pensamento europeu possa recomeçar sobre o pensamento grego, como experiência dada a respeito da qual podemos ser totalmente livres.

**Você disse do seu trabalho: “Eu mudei”, “Não fiz o que anunciei”. Terá sido imprudência ou você pensa que as coisas mudaram tanto para os intelectuais, os pesquisadores, que seja preciso tomar essas precauções...**

Quando escrevi o primeiro volume, há sete ou oito anos, eu tinha claramente a intenção de escrever essa história da sexualidade, esses estudos de história sobre a sexualidade, a partir do século XVI, aproximadamente [...]. E eu o fiz, em parte. Mas foi fazendo que me dei conta de que não funcionaria, pois havia uma série de problemas importantes, em particular o da experiência moral da sexualidade. Foi aí que eu me disse: “eu quero saber do que se trata”. Deixei em rascunho os trabalhos que eu tinha feito sobre os séculos XVI e XVII, e dediquei-me a remontar. Comecei remontando até mais ou menos o fim do século IV e o século V, para ver o que eu considerava, naquele momento, como os princípios da experiência cristã [...]. Em seguida, comecei a observar o que se passava no período imediatamente precedente [...] e fui levado, há três anos, a me dedicar ao estudo da sexualidade nos séculos V e IV. Foi, portanto, a necessidade de explicar as coisas que me levou a mudar inteiramente meus planos com relação ao que eram no início. Então, você me perguntará se foi pura falta de atenção minha ou um desejo secreto, um pouco oculto, revelado ao final. Eu não sei de nada. E confesso que nem quero saber. Minha experiência, tal como aparece agora, é esta. Esta história da sexualidade, eu só poderia fazê-la convenientemente à condição de retomar o que houve nos séculos antigos, para ver como o mundo da sexualidade tinha sido vivido, manipulado e perpetuamente modificado [...]. Eu não tinha, dadas as condições, a possibilidade de realizar bem o estudo sobre o século XIX. Eu podia até fazer o do século XVII ou do XVIII, mas, a partir do XIX, teria levado tempo demais. Em contrapartida, com os clássicos, eu sabia que poderia me divertir bastante.